

ELIAS, Marina. *Campo de Visão*: um Procedimento de Exploração e Potencialização da Palavra Improvisada. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Professora Adjunta. Atriz, Integrante do Grupo de Pesquisa em Dramaturgias do Corpo (DAC/UFRJ), Diretora Artística da Cia. SeisAcessos (SP).

RESUMO

Muito se trabalha no teatro a exploração da palavra e das sonoridades, buscando ampliar as possibilidades técnico-poéticas de um texto cênico e aquilo que configura seu entorno: espaços e tempos, nuances e dinâmicas na cena. Problematisa-se a motivação do texto que vai ser dito e como ele será dito. Quando se trata do contexto da improvisação encontramos menos estudos e sistematizações que promovem um espaço de investigação e aprimoramento da palavra improvisada, de um fluxo livre de texto que é processado e verbalizado em improviso, sem que esteja apoiado em uma temática específica ou em um texto teatral. Este artigo pretende apresentar e discutir o *Campo de Visão* (LAZZARATTO, 2011) como um espaço-potência para explorar a palavra improvisada.

Palavras-chave: *Campo de Visão*. Palavra Improvisada. Improvisação.

ABSTRACT

There are many studies about the word and the sonorities in theater, studies and proposition that lead the actor to expand his vocal repertory and everything else that configures its context: elements that go beyond the meaning of the text, the word that create spaces and dynamics. So, there are many interesting and potent thoughts about what motivates the text that is going to be said, and specially about how it is going to be said. But when it comes to the improvisation context we found fewer studies and systematization that promote a space of research and refinement of the impromptu word. This article wants to present and discuss the exercise “*Campo de Visão*” (*Field of View*) (LAZZARATTO, 2011) as a potential space to explore and investigate the improvised word.

Keywords: Field of View. Improvised Word. Improvisation.

Muito se trabalha em teatro a exploração da palavra e das sonoridades, buscando ampliar as possibilidades técnico-poéticas de um texto cênico e seu entorno: elementos que vão para além do significado, ou seja, a palavra que cria espaços e tempos, nuances e dinâmicas na cena. Assim, muito se problematiza sobre a motivação do texto que vai ser dito e como ele será dito. Quando se trata do contexto da improvisação encontramos menos sistematizações que promovem um espaço de exploração e aprimoramento da palavra improvisada: um fluxo livre de texto que é processado e verbalizado em improviso, sem que esteja apoiado em uma temática específica ou em um texto teatral.

Neste artigo apresento e discuto o *Campo de Visão (CV)* (LAZZARATTO, 2011) como um espaço-potência para explorar a palavra improvisada. Desde 2001, venho apoiando minhas práticas artísticas nesse exercício improvisacional, e ao longo desses anos venho experimentando essa conjugação entre *Campo de Visão* e palavra improvisada em diferentes contextos, mas especialmente nas práticas com a Cia SeisAcessos¹ e em minhas aulas na UFRJ.

O *Campo de Visão* é um exercício improvisacional coral, sistematizado pelo ator e diretor Marcelo Lazzaratto². A regra geral para os movimentos, gestos e ações que configuram o jogo é a improvisação. Os atores se movimentam em campo de visão como em uma dança coral, liderando ou sendo liderados, e nada é pensado previamente; todo acontecimento se dá no movimento improvisado, ao qual podem ser agregados outros elementos, como objetos e a palavra. Porém, assim como o movimento improvisado é diretamente convocado e problematizado no *CV*, este exercício abre possibilidades para que o mesmo ocorra com a palavra improvisada. Compartilharei aqui os procedimentos que venho aplicando para tal exploração, procurando levantar questões neste território, por meio de uma metodologia experimentada e que caminha no sentido de promover liberdade improvisacional à palavra gradativamente. Ou seja, iniciamos o trabalho com a palavra decorada, caminhando posteriormente para propostas conduzidas e norteadas, até chegar a um fluxo improvisacional livre no qual o próprio movimento se torna motivação disparadora da fala improvisada.

A exploração do som e da palavra no *Campo de Visão* é um procedimento sistematizado e compartilhado por Lazzaratto (LAZZARATTO, 2001). Por ser um exercício democrático e fértil, o *CV* acaba abrindo espaços para desdobramentos, como é o caso das discussões que apresento neste artigo, e que vêm sendo por mim experimentadas principalmente nos últimos sete anos. Dando continuidade às proposições de Lazzaratto, iniciei um mapeamento de caminhos dentro do jogo que pudessem conduzir o ator ao exercício de um fluxo livre improvisacional da palavra. Iniciamos, como disse, com a palavra decorada, para que o improvisador possa experimentar a fala sem ter que se preocupar com a criação das palavras, ocupando-se mais do “**como**” do que do “**o que**” dizer.

O ator não deve entrar no Campo de Visão querendo comunicar o texto e seus significados. Em um primeiro momento o que interessa é descobrir em si aquelas palavras. Falar as palavras com intensidades diferentes, com ritmos diferentes, [...] perceber suas consoantes e suas vogais, brincar com isso, reconhecer em si o som das palavras, sua duração. Porque as palavras, assim como os gestos, têm uma duração, o tempo está contido nelas. Qual o tempo daquela palavra? Quanto ela dura? (LAZZARATTO 2011, p. 74).

¹ A Cia SeisAcessos foi fundada em 2006 sob minha direção artística. Integram a Cia artistas formados pelo IA/ UNICAMP: bailarinas, atores e um cantor. A Cia desenvolve uma pesquisa focada na improvisação tendo como exercício norteador de suas práticas, a *Zona do Improviso* – jogo improvisacional originado do *Campo de Visão* e sistematizado por mim em minhas pesquisas de mestrado (2007) e doutorado (2011 – FAPESP) realizadas na UNICAMP.

² Prof. Dr. do Depto. de Artes Cênicas da UNICAMP e Diretor artístico da Cia Elevador de Teatro Panorâmico.

Finalizada a etapa de exploração da palavra decorada, começo a introduzir propostas conduzidas e norteadas, solicitando, por exemplo, que os improvisadores descrevam objetos, o espaço, as configurações espaciais do CV naquele momento, o movimento que estão realizando etc., provocando o participante a arriscar uma palavra que embora improvisada, aconteça dentro de balizas que dividem com o ator a responsabilidade criativa desta palavra, e o improvisado se torna muito mais um exercício “descritivo” do que “inventivo”, ou ainda uma atividade que ocorre mais no campo da “descrição criativa” do que da “criação abstrata”. A partir daí começo a buscar a palavra improvisada regida por temáticas, como, por exemplo, “conte como você foi traído”, “peça desculpas a alguém por algum motivo”, “conte-nos um segredo da sua infância” etc. Essas solicitações acontecem enquanto os improvisadores estão em plena atividade de movimento³, o que fatalmente promove um espaço de contaminação em mão dupla: ao passo que o movimento improvisado afeta a palavra improvisada, também a palavra alimenta o movimento, até que não se saiba mais qual das duas instâncias lidera a ação criativa.

A palavra é ela própria movimento, um movimento tão concreto e físico quanto aquele realizado por ossos, músculos e pele; um movimento que possui especificidades tais que podemos denominá-lo palavra. Aliás, a palavra é não só movimento, como também ação e por vezes gesto.

A próxima exploração é a da palavra improvisada livremente, sem uma temática pré-definida, ou seja, uma palavra que tenha como temática o próprio movimento, provocando que as imagens, pensamentos, memórias e imaginações processadas naquele aqui agora e que vibram na materialidade do movimento inscrito no espaço tempo, sejam verbalizados. Neste caso, mais do que ausência de uma temática (já que o movimento é temática para a palavra e a palavra para o movimento, não interessando quem gerou quem e sim o acontecimento), valorizamos a ausência de uma temática estabelecida previamente e por alguém externo ao jogo. A temática sempre vai existir, mas nesta etapa ela é definida no aqui agora pelo próprio ator. Lembrando a etimologia da palavra texto, que quer dizer “tecendo junto”, o texto improvisado no *Campo de Visão* é um texto que vai sendo escrito no espaço, e que junto com o movimento gera um fluxo improvisacional livre entre palavra e movimento inscritos no espaço-tempo.

Essas etapas acontecem *a priori* individualmente, e depois podem ser solicitadas em dupla ou trios, possibilitando diálogos entre os atores. E de repente, assim como o *Campo de Visão* abre espaços para o surgimento de dramaturgias do corpo através de movimentos, ações e gestos, também este mesmo exercício promove a criação de dramaturgias da voz e dramaturgias da palavra, estabelecendo códigos, estruturas e narrativas.

³ Ou sustentação/ pausa, que também é movimento: movimento em desaceleração no tempo espaço, mas em turbulenta aceleração no interior dos corpos.

Este procedimento de oferecer liberdade improvisacional da palavra aos poucos permite viabilizar suportes para que o ator possa ousar, para que ele possa gradativamente ir aprofundando as camadas e imprimindo complexidade ao exercício, que vai, por sua vez exigindo mais do ator a cada etapa ao mesmo tempo em que dá suporte para ele se lançar no risco. No trânsito entre a “palavra improvisada descritiva”, a palavra improvisada sob uma “temática” até chegar à palavra improvisada “livremente”, há uma passagem natural através da qual os atores vão ganhando espaço e fluxo. Isto porque a palavra se dá motivada pelo contexto e atmosfera gerada através do movimento, sem que haja tempo para se prender no julgamento de uma lógica da razão e do significado do texto. No CV, a palavra improvisada é explorada ao mesmo tempo em que as sonoridades e nuances o são. Tudo acontece dentro de um plano de imanência no qual imaginação e sensibilidade, intuição e razão, movimento, pensamento e memória estimulam um jorro criativo altamente potente no coletivo, viabilizando o exercício do texto improvisado. Texto este que faz tornar visíveis (audíveis) as “invisibilidades presentes na visibilidade dos movimentos”. Ou seja, quando os atores se movimentam, movimentam também invisibilidades (*virtualidades*), as quais são tornadas visíveis (*atualizadas*) nos processos improvisacionais de verbalização. Por isso o CV é um território potente para sua exploração, pois a fala nasce no calor e concretude do movimento, um tipo de fala que é

[...] o que há de mais físico no teatro, é o que há de mais material no corpo. Essa fala é a matéria da matéria e não se pode apreender nada de mais material do que esse líquido invisível e inestocável (NOVARINA, 2005, p. 43).

O movimento improvisado territorializa um espaço libertário para a palavra improvisada, que convoca intuição, sensação, afetos e perceptos promovendo atualizações que escapam à lógica da racionalização pura, e a permitem impregnar de outras forças agentes. Trata-se de fisicalizar pensamento, imaginação e memória em verbo. Nesse contexto, o improvisador pode deixar o texto dizer, além de querer dizer o texto. O sentido não é dado pela necessidade do discurso lógico e elaborado, aliás, nem o sentido e menos ainda o significado são objetivos primeiros do texto. A dramaturgia da palavra improvisada pode transitar mais por sensações e fluxos de sentidos, do que por significados e sentidos.

[...] o trabalho do ator com as palavras vai além de comunicar os significados do texto pronunciado [...] esperamos que ele nos ilumine aspectos escondidos, velados, que ele faça daquela palavra uma palavra viva (LAZZARATTO, 2011, p. 75).

A palavra é lugar de aparecimento de um espaço e atmosfera que o ator cria com sua voz, por isso Novarina (2005, p. 39) insiste tanto que a fala é “uma dança que se vai”, e faz dela o próprio espaço que, por sua vez, “não se estende, mas se escuta [...] a fala é uma antimatéria soprada que faz o drama do espaço aparecer subitamente diante de nós” (NOVARINA, 2009, p. 16). A palavra improvisada no CV tem potência criativa de ação no improvisador. A fala “[...] vai além do que ela pode dizer. Ela escuta o que não sabe; ela esprega. Nós falamos do que não podemos nomear. Muito precisamente cada palavra designa o desconhecido. Diga

o que você não sabe” (NOVARINA, 2009, p. 20, grifos meus). Novarina (2005) fala de uma “palavra corpórea”, à qual ele chama “carnagem linguajar” do homem, uma palavra que vai “dançar e falar aos espaços”. Palavra é movimento, a palavra cria espaços, danças e deslocamentos, e por isso é tão potente explorar a palavra improvisada em um exercício no qual o movimento improvisado é convocado de maneira tão fluida e criativa. Não há, no *CV*, lacunas para que o ator pense em como se movimentar, ele simplesmente se movimenta, não há dúvidas nem abismos, o movimento acontece naturalmente dentro da sistemática do jogo, e assim ocorre também com a palavra improvisada. Os textos que brotam no exercício são vibrantes, carnis, cheios de vogais e consoantes, de sons e respirações, uma palavra pulsante, que faz movimentar sensações e afetos, imagens e sentidos, sons que são vistos e não somente ouvidos, palavras físicas que são (in)scritas no espaço-tempo, ou seja, movimento.

[...] as palavras são a verdadeira carne humana e uma espécie de corpo do pensamento: a fala nos é mais interior do que todos os nossos órgãos de dentro. As palavras que você diz estão mais dentro de você do que você. Nossa carne física é a terra, mas nossa carne espiritual é a fala; ela é *a matéria do nosso espírito*. [...] Falar não é comunicar, não é trocar nem fazer escambo – das ideias, dos objetos –, falar não é se exprimir, designar, esticar uma cabeça tagarela na direção das coisas, dublar o mundo com um eco: falar é antes abrir a boca e atacar o mundo com ela, saber morder (NOVARINA, 2005, p. 14).

O *Campo de Visão* abre espaço para exploração da fala que não se reduz ao sentido; uma “palavra pós-dramática” que dissolve o paradigma da lógica da fábula nos paradoxos múltiplos do acontecimento teatral. A prática de espetáculos improvisados vem sendo crescente no Brasil, reforçando a importância em legitimar e democratizar procedimentos de exploração do texto improvisado, assim como ocorre, há muitas décadas, com o movimento em improviso. É preciso que a palavra improvisada seja praticada com persistência, para que o texto dito em contexto de improvisação como linguagem, seja tão consistente quanto aquele decorado e ensaiado durante meses. “As palavras não servem para mobiliar o espaço: elas o sustentam. Se as palavras fraquejam, todo o cenário vai para o chão” (NOVARINA, 2005, p. 46).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LAZZARATTO, M. **Campo de visão** – exercício e linguagem cênica. São Paulo: Escola Superior de Artes Célia Helena, 2011.
- NOVARINA, V. **Carta aos atores**. Trad. Ângela L. Lopes – Rio de Janeiro: 7letras, 2005.
- _____. **Diante da palavra**. Trad. Ângela L. Lopes – Rio de Janeiro: 7letras, 2009.